Revista Municipal
Câmara Municipal de Lousada
N.º 233 Ano n.º 25 – 4.ª série
Data fevereiro 2024
Depósito Legal 49113/91
ISSN 1647-1881

Suplemento
Património

São Pedro Fins do Torno em 1758: memória paroquial, toponímia e património (parte II)

Na continuidade do Suplemento do Património anterior, cumpre-se com a apresentação do conteúdo restante da extensa memória setecentista do Torno. Abordado o contexto histórico e político-administrativo no qual se forjou a paróquia de São Pedro Fins e da apresentação da composição memorialista, procede-se agora com algumas observações sobre a sua igreja, toponímia e património, elementos que permanecem como os símbolos maiores da união sociocultural e religiosa da comunidade.

Texto e Fotografia

Cristiano Cardoso
Técnico Superior de História. CML.
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt

Luís Sousa
Arqueólogo. CML.
luis.sousa@cm-lousada.pt

1. - A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

1.1. A igreja

Quando esta Memória Paroquial foi escrita, no ano de 1758, pelo vigário Felix António Borges, o corpo da igreja matriz já apresentava o aspeto arquitetónico que ainda hoje conserva. As grandes obras de reconstrução foram concluídas em 1747, havendo licença para benção do novo edifício datada de 24 de junho desse ano. A provisão que autorizava o pároco e os fregueses a fazer as obras previa que "*possam redificar e acrescentar a sua igreja, e nella se poderão ajudar de todos os materiais da antiga e será feita com a perfeição devida*". A nova construção, "*a qual foi feita pellos mesmos licerces e só no comprimento cresceo seis palmos para dentro do adro*", receberia, igualmente, dois altares colaterais novos, terminados e benzidos, por autoridade eclesiástica, no ano de 1754. Verifica-se, portanto, que o corpo da igreja antiga foi demolido e edificado segundo os novos padrões arquitetónicos do século XVIII, com recurso, sempre que possível, à reutilização dos materiais sobrantes. Entre esses materiais, era comum a reutilização de madeiramentos, mas, muito especialmente, de pedra. Assim se compreende que, na fachada principal da igreja, tenha sido reutilizado um silhar com uma cruz pátea gravada, sobrevivência escultórica associada à primeva construção medieval.

Somente cerca de meio século depois se viria a renovar a capela-mor da igreja. Importa referir que a fábrica da capela-mor era da responsabilidade do padroeiro da igreja, que, no caso de São Pedro Fins do Torno, era o mosteiro de Pombeiro, ou seja, teria de ser esta instituição monástica a custear as obras. Apenas em 1802 se efetuaram as referidas obras de construção e execução de um novo retábulo-mor. A organização espacial também foi alterada. A sacristia, que estava adossada à parede sul da capela-mor, durante as obras foi reconstruída do lado norte.

Na parede interior norte da nave da igreja do Torno, embutido num arco cego, encontra-se um sarcófago sub-retangular em granito provido de tampa de perfil trapeziforme. Pertence à Casa de Juste, cuja posse se acha confirmada por um escudo que encima o referido arco. Como apontado pelo pároco memorialista, em 1758 era dos "moradores da Quinta de Juste", contudo, deve observar-se que se deveu a uma aquisição à Casa do Vilar[1], ocorrida no segundo quartel do século XVIII.

O arcaz é completamente liso, assim como a própria tampa, não sendo observáveis vestígios de qualquer gravação heráldica ou epigráfica.

Figura 1 Igreja de São Fins do Torno.

2. - TOPONÍMIA E PATRIMÓNIO

2.1. Toponímia

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/ Ref.as bibliográficas/Observações
Alhares	José Pedro Machado localiza este topónimo em Lousada e em Santo Tirso, observando a possibilidade de derivar de alho[2]. Temos dúvidas quanto a esta origem etimológica, pelo que optamos de por agora considerar de origem obscura.
Bacello/Bacelo	Campo agrícola ocupado por videiras. Pequena vinha, usualmente nova.
Bangeiro	Origem obscura.
Escorregadoura	Topónimo de aparente origem e sentido evidente, devendo relacionar-se com a presença de uma pedra de escorregar[3].

[1]NUNES, Manuel; SOUSA, Luís; GONÇALVES, Carlos (2008) - *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal, 2008, p. 213; MOURA, Augusto Soares de (2009) - *Lousada Antiga. Das origens à Primeira República (2ª parte, das freguesias)*. Lousada: ed. de autor, p. 656.
[2]MACHADO, José Pedro (1993) - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Volume I. Lisboa: Horizonte/Confluência, p. 98.
[3]MACHADO, J. P. - *op. cit.*, vol. II, p. 581.

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/ Ref.as bibliográficas/Observações
Estrada	Via de significativa amplitude, antiga Estrada Real, hoje correspondente à Estrada Nacional.
Figueiredo	Fitotopónimo indicador da presença, na zona a que dá nome, de árvores do género «*Ficus*», isto é, a figueira, cujo fruto é o figo.
Fontella/Fontela	Do latim *Fonte-*; *Fons*[4]. Vulgar no singular e no plural, nas formas simples e compostas. Indica local onde existe ou existiu uma fonte para recolha de água, usualmente potável e por certo com carácter público.
Gatiz/Guetiz	Piel considera tratar-se de um patronímico suevo-visigodo, de GATTUS = Gato[5].
Juste	Topónimo de origem germânica, de Justi (villa), genitivo de Justus, aquele «que observa o direito e a razão»[6].
Loureiro	Fitotopónimo com expressiva representação no norte de Portugal e Galiza, indicativo da presença do arbusto loureiro[7].
Lustoza/Lustosa	Estamos de novo em face de um fitotopónimo, derivado de «Lestosa» = «Lesta» + osa. Lesta é uma espécie de junco[8].
Massas/Maças	Origem obscura. Por agora optamos por classificar este topónimo como de origem obscura devido às muitas dúvidas que a sua etimologia coloca.
Moinhos	Indica a presença no local de moinhos. Uma vez que é a tipologia mais frequente no concelho de Lousada, deverá relacionar-se com localização de moinhos de rodízio.
Monte	Monte é um topónimo de origem evidente. Local onde se faz recolha de mato para a cama de gado em regime estabular.
Outeiro	Do singular masculino outeiro. Topónimo de origem topográfica. O mesmo que cume, sítio elevado que se destaca da topografia envolvente. Citamos, como exemplo, a referência a «*Octerio*» em 1072 (*PMH, DC*, p. 312)[9].
Passos	Do latim «*passu*». Usualmente aparece associado às estações de uma Via-sacra, que por sua vez aparece relacionada à igreja paroquial, capela(s) e alminhas.
Penouças/Penouque	Do plural masculino Penouços, derivado de Pena[10] = Pedra. Área onde abundam afloramentos rochosos.
Pigarças/Pigaços	Parece tratar-se de uma variedade de pêra, pelo que nos remete para a presença de pereiras no local que designa.
Portella/Portela	Do latim «*Portella*». Os lugares aos quais se dá esta denominação podem compreender distintas características topográficas, nomeadamente constituir uma zona em que um caminho ou estrada apresenta acentuada curvatura; indistinta cumeada de elevada ou baixa altitude que constitui limite entre bacias hidrográficas de diferente dimensão ou ser passagem estreita entre vales ou montes.
Quinta da Ponte da Veiga	Quinta é um topónimo com grande representatividade um pouco por todo o país. Terá origem no latim «*quintana*». Tem sentido predial, terreno de semeadura[11]. A segunda parte que compõe o topónimo tem aqui carácter geográfico, colocando a Quinta nas proximidades da Ponte da Veiga, travessia medieval sobre o rio Sousa.
Ribas	Ribas deriva do latim «*ripa*», - ae, e expressa margem ou arriba, tem aqui sentido de cariz geográfico.
Rio	Do latim «*rivus*» = rio. Topónimo associado pela proximidade ao rio, neste caso com a denominação de Sousa.
Sanfins	Hagiotopónimo que remete para o orago da paróquia, que no caso é São Fins do Torno. Em 1758 é nomeada a paróquia deste modo: *Sam Pedro de Fins do Torno*.
Souza/Sousa	Topónimo frequente. Uma das formas mais antigas é representada pelo vocábulo *Sausa*[12]. Surge no contexto toponímico de Sanfins do Torno associado ao principal curso de água do concelho, a que lhe dá nome – o rio Sousa. Trata-se no contexto regional de um dos mais antigos nomes de família, que aqui resulta em hidronímico.

[4]MACHADO, J. P. - *op. cit.*, vol. II., p. 656.
[5]PIEL, Joseph M. (1934-1935) - "Os nomes germânicos na toponímia portuguesa", in *Boletim de Filosofia*. Tomo III: Lisboa: Imprensa Nacional, p. 375.
[6]MACHADO, J. P. - *op. cit.*, vol. II., p. 838.
[7]MACHADO, J. P. - *op. cit.*, vol. II., p. 897.
[8]FERNANDES, A. de Almeida (1999) - *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999, p. 398-399.
[9]MACHADO, J. P. - *op. cit.*, vol. III., p. 1109.
[10]MACHADO, J. P. - *op. cit.*, vol. III., p. 1158.
[11]FERNANDES, A. de Almeida – *op. cit.*, p. 502.
[12]FERNANDES, A. de Almeida – *op. cit.*, p. 1367.

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/ Ref.as bibliográficas/Observações
Tamagãa/Tamagã	Não é evidente a origem desta expressão. A sua localização na freguesia do Torno leva-nos a ponderar tratar-se de uma fórmula de origem celta, pelo radical «tam-» = escuro[13].
Torre	Expressão muito frequente no Noroeste Peninsular. Indica assento no local ou em lugar próximo de uma estrutura, com caracter defensivo ou outro, cuja tipologia se assemelha a uma torre. Apesar de na maioria dos casos não subsistir, assegura que a houve em tempos.
Veiga	É um dos muitos vulgares topónimos presentes no noroeste peninsular. Ainda que possa ter em outras regiões uma outra distinta origem, este termo parece ter uma raiz pré-romana, e surge usualmente associado a campos agrícolas próximos de água[14].

2.2 Património

2.2.1 Capela de Nossa Senhora da Conceição

A construção desta capela estará, certamente, relacionada com o impulso que o culto a Nossa Senhora da Conceição experimentou após a Restauração da Independência, em 1640. O simbolismo do ato de coroação da santa e a sua afirmação como padroeira da nova dinastia reinante moveu muitas comunidades de fiéis por todo o país a edificar e dedicar capelas em sua honra. Terá sido neste contexto social e cronológico que se ergueu a capela na freguesia do Torno, admitindo-se, portanto, que será obra ainda do século XVII. A afluência de povo de várias localidades à primitiva capela motivou a freguesia a obter autorização do arcebispo de Braga para reedificar e aumentar o edifício. Esta licença foi obtida em agosto de 1757 e as obras foram iniciadas quase de imediato, visto que o pároco memorialista menciona as mesmas a decorrer. Por fim, a nova construção foi considerada pronta e capaz para os ofícios religiosos, sendo passada licença para a benzer no mês de maio de 1761.

2.2.2 Capela de São Francisco de Assis

A capela de São Francisco foi edificada originariamente no ano de 1634, por iniciativa particular. Contudo, cerca de 20 anos depois, foi passada licença para que aí se pudesse dizer missa, beneficiando os moradores daqueles lugares mais distantes da igreja matriz. Em 1775, por ordem do visitador eclesiástico, a capela foi mudada de sítio, sendo, nesse momento, totalmente reconstruída, seguindo um programa arquitetónico de influência rococó.

Figura 2 Capela de Nossa Senhora da Conceição.

[13]MACHADO, J. P. - *op. cit.*, vol. III., p. 1381.
[14]ARIAS, García - *"De toponimia Tebergana (XII): Les cavidaes, depresiones y lo llano", in Lletres Asturianes: Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana Principáu d'Asturies*, 34. Astúrias: Prontaprint - Uviéu, 1989, p. 74.

2.2.3 Capela de São Sebastião

A capela estava situada à face de um antigo itinerário, próximo do lugar da Carreira, nos limites entre as freguesias do Torno e Cernadelo, presumindo-se daí as dúvidas dos párocos respetivos, que reclamavam ambos a sua posse. Segundo a tradição que corria pelo ano de 1758, teria sido mandada erguer pelo próprio rei D. Sebastião, estando a sua fábrica sob a responsabilidade da câmara do concelho de Lousada.

2.2.4 Capela de Santo António

A intenção de edificar esta capela, junto da casa de Juste, partiu de Paulo da Cunha Coutinho, capitão-mor do concelho de Unhão, que, justificando a grande distância da igreja paroquial e os maus caminhos que era necessário percorrer, se propunha a construí-la. Este pedido foi remetido à arquidiocese em 1712, invocando-se em complemento a idade avançada do requerente e das suas irmãs mais velhas. A licença foi passada em 1715, contudo já será D. Josefa Brochado, nora do suplicante, a concluir as obras e a solicitar licença para bênção em 1727. Mais uma vez, o processo atrasou-se por falta de paramentos e por dúvidas relativamente à dotação da capela, o que levou a que só fosse benzida em 1738.

Figura 3 Capela de Santo António.

2.2.5 Ponte da Veiga

Vem mencionada no quesito número 15, relativo ao «Rio», contando aí o pároco memorialista de que se trata de "*hua ponte de cantaria, com hum só arco*".

Localizada no lugar que lhe dá nome, foi edificada para travessia do rio Sousa. Possui tabuleiro em cavalete sobre arco único quebrado. O piso é lajeado, prolongando-se este para além da ponte em ambas as margens, desaparecendo sob a moderna via de circulação local. Os alçados revelam distintos aparelhos construtivos, sobressaindo os silhares graníticos do arco por terem recebido mais cuidados. Em algumas pedras de cantaria se observam gravadas siglas de canteiro, que atestam o medievo labor de vários mestres pedreiros.

Apesar de a ponte presentemente não estar provida de guardas, registos fotográficos da primeira metade do século XX asseguram que as teve, sendo de cada lado compostas ao menos por um alinhamento de pedras.

Figura 4 Ponte da Veiga